



# OS IMPACTOS DA COVID-19 NOS SETORES DE TISSUE E EMBALAGEM

Panorama mundial do setor de celulose e papel deverá enfrentar muitos desafios, mas com desempenhos positivos para os segmentos de tissue e embalagem, devido à essencialidade do consumo destes tipos de papéis perante a pandemia

**POR THAIS SANTI**  
Especial para *O Papel*

O consumo de produtos relativos aos setores de papéis tissue e embalagem disparou no período da pandemia. Fato este devido à essencialidade de seus usos para higiene e limpeza e como meio de armazenagem de alimentos e outros itens adquiridos em compras realizadas pela internet. A

expectativa é de que esses desempenhos mais positivos se mantenham no longo prazo, sustentados pelos novos hábitos desenvolvidos pela sociedade e novos protocolos de higiene criados pelas autoridades.

“No início de março deste ano, como em um efeito dominó, o pânico gerado pela compra de produtos es-

senciais a partir do surto do novo coronavírus foi sentido mundialmente, iniciando pela China, estendendo-se pela Europa, chegando ao Brasil e Estados Unidos”, avaliou João Cordeiro, Senior Principal da AFRY Management Consulting da Finlândia, durante sua apresentação realizada via web em 2 de junho último sobre os desdobramen-

tos da Covid-19 nos setores de tissue e embalagem.

Em relação ao segmento tissue, Cordeiro explicou que a pandemia impactou positivamente e de forma direta o mercado na demanda mundial por papéis sanitários. Em princípio, o aumento desse consumo se deu pelo pânico com aumento das vendas chegando a mais de 80%, conforme dados da empresa de pesquisas Nielsen registrado na primeira semana de março. Agora, o consumo está mais normalizado, diz Cordeiro, à medida que as pessoas passaram a se preocupar mais com a higiene pessoal, uma vez que se trata de um problema de saúde, e passaram a consumir mais produtos à base de papel tissue, além de apenas papel higiênico, como lenços de papel, toalhas etc.

Manoel Neves, responsável por Estudos Econômicos da Pöyry no Brasil, que realizou a apresentação em conjunto com Cordeiro, reforçou que, no País, as mudanças nos hábitos de consumo decorrentes da Covid-19 já indicam um aumento da expectativa de consumo de produtos tissue de 4,5% em 2020. “Claro que o fator da renda e a segmentação ainda são bem peculiares no mercado brasileiro, quando comparado com economias mais maduras, como Europa, América do Norte, Japão e a Coreia do Sul”, observa.

Antes mesmo desse mercado de papéis tissue ter sido impulsionado pela pandemia do novo coronavírus, o setor já tinha vivenciado um momento de intensificação de seu crescimento, conforme pontuou Neves. “No Brasil, no período de 2007 a 2014 o segmento cresceu a uma taxa anual de 4,5%, o que é muito significativo e acima da média mundial, que no ano passado foi de 3,3% em relação a 2018. Contudo, devido à recessão pela qual o Brasil passava em 2019, o consumo de papéis tissue foi de apenas 0,5% no ano passado.”

Há, segundo Cordeiro, potencial

para o segmento de papéis tissue apresentar um desempenho ainda melhor também do consumo de produtos de maior valor agregado, como o Away From Home (AFH). “Com consumo per capita de 6kg/habitante, e em meio à pandemia, o Brasil registrou um bom crescimento na década anterior e, mais lentamente, nessa última década, mas inferior aos próprios vizinhos na América do Sul, como Chile e Argentina”, apontou Cordeiro. Para o executivo, o cenário positivo para o segmento de tissue do Brasil deverá se manter em 2021, sendo que os segmentos que não estão decrescendo nesse período de crise, como o AFH, devem se recuperar lentamente.

Para atender ao mercado e garantir o desenvolvimento do setor tissue no Brasil neste cenário, Neves atribuiu o ganho de competitividade atual à atualização tecnológica dos parques fabris. “Houve uma modernização muito grande nos últimos cinco anos, que nos trouxe capacidade de produção para atender rapidamente à demanda, sem risco de desabastecimento”, afirmou. O responsável pelos Estudos Econômicos da Pöyry destacou ainda a resiliência dos fabricantes desse setor que têm se adaptado mesmo com uma crise instalada, além de outros fatores, como a entrada de um grande produtor de celulose, a Suzano, que foi bastante impactante. “Recentemente, a chilena CMPC adquiriu fábricas dos brasileiros, mostrando também uma tendência a certo nível de consolidação”, destacou Neves.

### **A posição forte do setor de embalagens em meio a Covid-19**

A pandemia promoveu o distanciamento social e trouxe com ela o trabalho remoto: o chamado *home office*. Consequentemente, as atividades realizadas durante o dia e todo o hábito social foram, de certa forma, integra-

dos a essa nova vida. Para levar todos esses produtos aos seus consumidores, o consumo geral de embalagens, seja de alimentos, produtos farmacêuticos, produtos para higiene, caixas para o envio de encomendas cresceu consideravelmente, e a previsão é que assim deva se manter até o final do ano.

Nesse sentido, Cordeiro chama a atenção para a mudança de alguns padrões de consumo. “Na Europa, o comércio eletrônico de alimentos para os supermercados não havia sido muito bem incorporado. Hoje em dia as pessoas já se acostumaram e passaram a realizar suas compras semanais via internet, aumentando o comércio eletrônico de alimentos e, com isso, o uso de embalagem”, disse. Segundo o Senior Principal da AFRY Management Consulting, isso fortalece o mercado de embalagens, pois grandes quantidades são usadas em produtos essenciais. “Só o setor de alimentos na Europa utiliza 45% da produção total de embalagens, que somada ao fast-food totalizam 48% deste mercado”, enfatizou.

No Brasil, o setor de embalagens já vivia um período de crescimento e isso se mantém, principalmente em relação ao resultado do ano passado. “Os três meses do ano em alguns momentos bateram recordes e esteve bastante aquecido até então. Também há um consenso de que esse vai ser um ano muito bom para as embalagens de papelão ondulado. A forte desvalorização da moeda contribui para incentivar o crescimento da produção da indústria local, e a expectativa de aumento em reais do papel também tem um efeito de aumento do estoque dos consumidores de papéis para embalagens”, explicou Neves.

Outra situação vivenciada pelo mercado é a questão das aparas. Com o aumento do consumo de embalagens, existe um grande volume disponível, porém, há certa dificuldade em relação à reciclagem.

Uma parte dela pode parar no lixo. Isso acontece por problemas estruturais, em que os catadores também se distanciaram das suas atividades e falta coleta seletiva. “Ou seja, um ponto negativo que na realidade não é com relação à demanda de papelão ondulado, mas sim com relação à geração de aparas de curto prazo”, contextualizou Neves.

Destaque para um mercado de papel para embalagem, em especial, voltado para alimentos in natura, que usam cartão LPB (*liquid packaging board*). Ele teve uma recuperação importante, provocando até falta deste cartão no mercado. “Isso porque em países em desenvolvimento e com economias ainda em crescimento, como o Brasil e a China, esse setor sempre foi muito bom, mas agora ficou em evidência também nos países desenvolvidos da América do Norte e na Europa, uma vez que as pessoas passaram a fazer estoque de alimentos essenciais com produtos envoltos nesse tipo de papel”, alertou Cordeiro. “Para 2021, o cenário é bastante otimista e o mercado brasileiro deverá acompanhar o crescimento global de papéis”, completou Neves.

### O desafio macroeconômico

A Covid-19 demonstrou a relevância desses dois segmentos, tissue e embalagem, contudo, vale destacar que esse mesmo mercado ainda será desafiado por um mundo em recessão. Conforme demonstrado pelos profissionais da Pöyry na apresentação, as grandes instituições financeiras projetam uma queda no PIB mundial de 4% em 2020, o que é algo historicamente muito forte e que não acontecia desde a Segunda Guerra Mundial.

Eles destacaram ainda que talvez haja uma recuperação no próximo

ano, retomando o crescimento, com índices entre 4% a 5%. Na América do Norte essa queda chegará 6,4%, e na Europa Ocidental será de 8%, mas com recuperação importante no ano que vem. No caso do Leste Europeu a previsão é de queda de 4%. A China, por sua vez, no consenso econômico, está ao redor de 1,8% a 2% de crescimento, com perspectiva de retomada aos patamares normais ou pouco acima do normal no ano que vem. No longo prazo, o crescimento global do PIB deverá ser de 2,2% até 2030.

Na América Latina, o PIB deverá ser negativo entre 6% e 10%. “Claro que a retomada vai depender de uma série de questões. Boa parte dos bancos e agentes econômicos tem projetado, infelizmente, um ano muito ruim para a economia brasileira, e uma parte razoável dos setores está voltada para o mercado doméstico, porém, por ser um exportador de commodities, talvez o impacto seja reduzido, propiciando uma recuperação lenta, mas positiva, de até 2% em 2021”, explicou Neves.

Ainda assim, para o setor de celulose especificamente, com a previsão, até 2025, de que a China continue seu crescimento anual a uma média de 5% ao ano, por conta de mudanças estruturais e demográficas, que desacelerarão esse crescimento, os analistas preveem uma redução na demanda. No curto prazo, a perspectiva para a celulose de fibra curta é que haja uma pequena redução na demanda total, principalmente devido à queda do setor de papéis gráficos e por conta dos estoques na cadeia de suprimentos que ainda continuam altos, apesar dos fabricantes terem escoado bastante seus volumes nos últimos meses. Já para

a fibra longa, o cenário é um pouco mais positivo, com menor número de projetos no pipeline, e com as máquinas sendo utilizadas para a produção (*swing*) de viscosa. No Brasil, em 2020, a produção de celulose superará a marca de 20 milhões de toneladas, e a produção de celulose solúvel de eucalipto continuará a crescer.

“A celulose de fibra curta branqueada é o carro-chefe no Brasil e vai continuar sendo evidentemente graças à nossa atividade na base desde a produção de madeira e a nossa escala de produção. O esforço deve continuar para manter essa liderança com os novos projetos dirigidos aos aumentos de capacidade para a China e outros países asiáticos e devem crescer ainda mais em 2021. Teremos um novo patamar de produção e exportação no Brasil em que observamos três projetos significativos em andamento: LD Celulose S.A. (Triângulo Mineiro-MG); Bracell (Lençóis Paulista-SP); e da Klabin, com o Puma II (Ortigueira-PR), integrado com a produção de kraftliner”, acrescentou Cordeiro.

Em sua conclusão, Cordeiro disse que a Covid-19 trouxe uma aceleração das tendências globais que já vinham acontecendo, principalmente com o crescimento da demanda de papéis tissue e papéis para embalagem, mas também foi incentivada pela digitalização, com as alterações no sistema de trabalho e ensino, no comércio eletrônico, afetando diretamente o consumo de papéis de imprimir e escrever e indiretamente a oferta de aparas brancas, o que pode ser uma boa notícia para os produtores de celulose de mercado. ■

